

Redação, Administração e Officinas
Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegráfico: LANTERNA

Dirigir toda a correspondência ao
DIRECTOR:

EDGARD LEUENROTH

A Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

APARECE AOS SÁBADOS

ASSINATURAM:

ANO 10\$000
SEMESTRE 6\$000

PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior
há a diferença do porte do Correio.

Cristo no Juri

Anda entre a jesuitada e os carolas desta capital uma azafama levada dos diabos, com o fim de conseguirem assinaturas de quanto Zebedeu existe nesta cidade, para uma representação pedindo a reposição da imagem de Cristo na sala do Juri.

Quinta-feira, 4 do corrente, andava o secretario da comissão de jesuitas de casaca, que se formou para esse fim, pelas ruas a cercar fariseus e fazendos- os assinar a dita representação.

O tal secretario, conhecido geralmente pela alcunha de «pé espalhado», não tendo dentes para atrancar nem buracos de dentes para chumbar, ocupa-se, corpo e alma, no santo afan de caçar assinaturas pelas ruas, visto como, ninguém ia assinar a lista, para esse fim depositada na casa do grande cidadão republicano e barão papalino, sovado prefeito desta infeliz terra, sovado, entenda-se, pelo Comercio de São Paulo, que as mãos não lhe doam.

O que é de admirar-se é a facilidade com que muitos papalvos, por mera condescendencia, ou por quererem ver seus nomes figurar impressos em letra redonda, vão atendendo ao convite do «pé espalhado», para assinar dita representação.

Enganados, porém, estão todos os Zebedeus, fariseus, carolas, e tesouros de S. Paulo, pensando que triunfarão nesta campanha.

Fiquem todos sabendo que o dia da reacção está proximo, e que o que aconteceu em França (a dilecta filha da Igreja), e o que aconteceu ultimamente em Portugal, (o fidelissimo), vai em breve acontecer no Brasil.

Os anticlericais, os livre-pensadores, as agrupações de luta contra o domínio nefasto da clericalha não de agirem com energia e então a jesuitada de batina e de casaca terá o necessario correctivo.

Veremos quem se rirá por fim.

Os conventos 9

O trabalho no domicilio

Num artigo precedente, denunciámos a vergonhosa associação do Bon Marché e do Bon Pastor, explorando juntos as desgraçadas caídas na rua e extraindo da miséria delas pingues benefícios.

Mas o michelavelinismo dos Fillet, Lucet e consócios não se ficou por aí. Servem-se dessas pobres raparigas, não só para as espremer, mas ainda para fazer baixar os salarios dos milhares de mulheres que, em todas as honras grandes cidades e particularmente em Paris, trabalham em casa.

E isso é talvez o mais escandaloso nas combinações do convento e do grande armazem.

O convento contra a operaria

Quando se trata de estabelecer um modelo novo de casaca, calças, sala, etc., o «Bon Marché» dirige-se ás empreiteiras. Só elas têm o gosto e o engenho necessarios para esse trabalho de criação. Pagam-lhes por isso bastante bem.

Mas, uma vez do posse do modelo, o «Bon Marché» manda-o para a provincia, onde a mão de obra é mais barata, e especialmente para os conventos.

Estes aceitam com prazer, pois a tarefa é simples, tratando-se apenas de copiar e não tendo a operaria necessidade de ser habil, mas somente de ser bem vigiada, e como o convento não paga, ou paga muito pouco ás suas desgraçadas pensionistas, pode fazer abatimentos que vão ás vezes até 50 %.

Resulta d'ali uma concorrência mortal para a operaria parisiense. Se pensam que exagero, abram o Inquerito sobre o trabalho no domicilio, publicado em 1907 pelo ministerio do trabalho.

*A concorrência dos conventos é igualmente muito terrível, declara um patrão camiseiro (pag. 40): ha os que fazem um «trabalho perfeito» por 0 fr. 75 a 1 fr. 25. Outros pedem tanto como as empreiteiras. Essa concorrência obrigou algumas destas ultimas a baixar o preço pedido a 1 fr. 75 para certas grandes casas que mandavam executar todo o seu trabalho nos conventos.

Quem perde nesse jogo? A empreiteira? Não, pois essa desforra-se pagando menos á operaria. E ai está como os conventos contribuem para semear a miséria na população das nossas grandes cidades.

Todavia, esta concorrência limitou-se durante muito tempo aos objectos baratos; as intellizes pensionistas do Bon Pastor não tinham aptidão sufficiente para poder ser-lhes confiado um trabalho esmerado. Mas as «religiosas» aperticearam pouco a pouco os seus metodos.

Raparigas criadas no convento ali ficam trabalhando por 1 fr. 50 por dia. Fazer as tarefas delicadas que as outras acabam.

Assim, diz o inquerito oficial, os conventos que, até 1904, só faziam roupa branca simples, puseram-se a fazer a de luxo. E nada mais triste-mente ironico do que o espectáculo dessas pobres moças, mal alimentadas, ainda mais mal pagas, trabalhando sob a vigilancia de austeras religiosas na feitura dessa «capitosa roupa de baixo» para meretrizes e mulheres do mundo.

O parafuso de pressão

O resultado adivinha-se; é a baixa terrivel dos preços. Quando se apresenta a operaria parisiense para fazer o mesmo trabalho, dizem-lhe: «Aqui está o que pagamos na provincia; quer aceitar estes preços? E' pegar ou largar».

A desgraçada, temendo a falta de pão, consente; cheia de mágoa, aceita esse salario infimo, e como não mora nem come de graça no convento, tem de se sujeitar no seu buraco a uma vida de cansaças e privações, muitas vezes mais miseravel que a das reclusas do Bon Pastor.

Quanto ao Bon Marché, mete naturalmente na burra os lucros desta formidavel concorrência. Nas suas mãos, os conventos são como um parafuso de pressão que lhe permite manter os salarios das operarias ao nível mais baixo possivel. Se em Paris 12 mil mulheres, segundo o inquerito oficial, se consomem nesse trabalho «extenuante», a culpa é em grande parte da concorrência das casas religiosas, refugio, officinas, etc. etc.

Esta exploração é tão revoltante que a propria burguesia se impressionou com ela. Nos meios mais conservadores organiza-se agora uma verdadeira cruzada contra o «squeezing system». Reclama-se a fixação de um salario minimo para as operarias em casa. Coisa admiravel: puseram-se á testa do movimento os de Mon, d'Hausenville, padres Lemire e Meny, isto é, os mais notorios cléricos.

Mas não admitem que esse mesmo seja imposto ás mulheres e raparigas que trabalham nas casas religiosas. Assim, todo o trabalho de roupa branca é feito nos conventos.

As «bons lemas» nada perderão com isso, o Bon Marché tampouco. Só as pobres operarias parisienses é que verão o serviço escapat-lhes cada vez mais. Admirável hipocrisia! Sob pretexto de proteger o trabalho no domicilio, arruinam-nas. E tudo isso se faz em nome do Cristo e sob a capa da caridade!

Francisco Delaive.

Mauristas e Laciervistas

(Da España Nueva, de Madrid)



Berrem para ai quanto quizerem; levantar-se é que não se levantam!

UMA VITIMA DA IGREJA

O martirio do Cavaleiro de La Barre

Em 1 de julho de 1776, numa prisão de Abbeville, cidade francesa sobre o Somme, foi cometida uma das maiores barbaridades que envergonham a humanidade.

Sobre um cavalete de tortura foi estendido um rapaz de dezenove anos, quasi uma criança, ao mesmo tempo que na sombria catedral vizinha oravam e soluçavam a máli do rapaz e a sua joven namorada, cujos gemidos e os do infeliz moço eram abafados pelos sons lugubres do sino grande.

Em presença de dois ou tres padres, sequiosos de sangue humano, o carrasco aproximou-se da desgraçada criança para lhe infligir as mais horribes torturas.

Foram-lhe trituradas as pernas e todos os ossos quebrados a martelo. E, como a infeliz criança tivesse perdido os sentidos, um dos padres despejava-lhe na garganta um licor espirituoso, para o reanimar e para que não deixasse de sentir todos os horrores da tortura.

O carrasco em seguida cortou o punho direito do rapaz, a machado, tendo sido os padres espargidos pelo sangue que resultou.

O carrasco voltou-se então para os padres e perguntou-lhes:

— E' bastante?
— Continúa, respondeu um deles com a maior insensibilidade e frieza.

O carrasco introduziu então a mão na boca da infeliz criança, puxou-lhe pela lingua e cortou-a.

Depois o seu corpo elegante, em que se debatia ainda um resto de vida, foi levado ao cadafalso, onde lhe foi decepada a cabeça.

Em seguida, o cadaver foi queimado a fogo lento em frente da catedral!!!

Querem saber o que tinha feito o pobre moço?

Não se tinha descoberto á passagem de uma proclamação e havia murmurado contra a Santa Madre Igreja, quando por isso o prenderam.

Dizia a sentença:

Ser-lhe-á cortado o punho, por não ter saudado a proclamação.
Ser-lhe-á cortada a lingua por ter murmurado contra a nossa Santa Madre Igreja. E será

queimado na praça pública, para servir de exemplo áqueles que possam ser tentados de fazer o menor protesto.

O rapaz chamava-se João Francisco Lefèvre, conhecido por Cavaleiro da Barra.

Em 1885 o conselho municipal de Montmartre, a pedido de alguns cidadãos, deu a denominação de rua da Barra, á antiga rua Fontenelle, e a memoria do desventurado moço já havia sido reabilitada por um decreto da Convenção de 25 brumario, ano segundo.

E' o que nos diz o almanaque de 1906 do Livre-Pensador sobre esse martyr da Igreja que o extraordinario romancista historico Miguel Zevaco fez protagonista do esplendido romance, quasi inédito, que, traduzido especialmente por Neno Vasco, a Lanterna está publicando.

Daremos em outros numeros novos dados biographicos do Cavaleiro de La Barre.

Virgens e martyres

O padre Marnier, ex-pároco de Vouzeron (França), de 45 anos, que tinha fugido havia um ano e ia ser julgado á revelia pelo juri do Cher por atentado ao pudor contra meninas de menos de 13 anos, resolveu vir entregar-se á prisão.

O padre Luiz Le Port, de 44 anos, natural de Locinaria-quer (França), preso na Bélgica, compareceu perante o juri do Morbihan, por atentado ao pudor contra meninas de menos de 13 anos. Foi condemnado a 3 anos de prisão.

Esqueceram-se de tomar a precaução de vir praticar as suas proezas para o Brasil.

Bíblia vermelha

Sem dívida, o pensamento dos deuses não é mais tentavel do que o dos homens que o interpretam. Caminha com o tempo. Mas está sempre atrevido a respeito da livre-intelligencia humana.

Vida e deus dos cristãos: não o poderão acusar de não haver mudado. Era judeu e tornou-se antissemita. Deve-se fazer-lhe esta justiça: agora não é tao feroz como outrora. Mas continua a ser inimigo da ciencia e da razão e não gosta de que se pense: As Igrejas fundadas em nome do seu filho, e muito especialmente a Igreja catolica, apõem á nossa vista uma resistência desappareada ao movimento intelectual e moral das sociedades que ellas pretendem governar.

António Franco.

Os santos vão-se

E' do Mundo, de Lisboa, de 18 junho, a seguinte nota:

E' hoje o dia pela igreja consagrado á glorificação do mystico Fernando Bolbões, que, depois de ter abandonado nome e familia para se fazer frei Antonio de Lisboa, a propria patria renegou, para se fazer frei Antonio de Padua. Ha anos, a noite de ontem para hoje ora de folia estardia, e o dia de hoje santo de guarda, porque assim o determinava a religião do Estado. Agora já não é assim, desde que graças ao pulso firme do dr. Afonso Costa, essa religião passou a ser apenas dos catolicos, e não do Estado. Não deixou de haver o seu ballarico num ou outro recinto, a algararra da praça da Figueira, a tradicional carraspana e as trevas nocturnas do Rocio. Tudo, porém, em doses reduzidissimas, como reduzi-dissima será hoje a concorrência aos templos, onde nem a propria curiosidade nem o amor á musica soi-dizant barata consegue reunir as enchentes de outros tempos. Hoje toda a gente vai para o seu trabalho, em que pése aos reacionarios que previam na extinção dos chamados dias santos um pretexto de descontentamento, ou talvez mesmo de rebelião. O povo acceitou do melhor grado esta medida, que ha muito tinha no espirito, embora a não tivesse consignado nas leis. *Les dieux s'en vont*, dizem os franceses. E os santos tambem, acrescentamos nós.

NA ALEMANHA

O papa condenou

os sindicatos cristãos

Em Berlim reuniu-se na terça-feira de Pentecostes, o congresso dos delegados da União das associações operarias catolicas (Verband Katholischer Arbeitervereine). Após a leitura do relatório, o padre Beyer, que a União enviara a Roma para apresentar ao papa a homenagem das associações operarias catolicas, levantou-se e leu, no meio de um silencio impressionante, a resposta que lhe deu nessa occasião o Vaticano.

A longa declaração do papa implica uma inteira aprovação do que se chama a «direcção de Berlim», isto é, das organizações operarias que aceitam a fiscalização dos padres catolicos, e uma condenação igualmente completa da «direcção de Colonia». Por esta ultima, entende-se os sindicatos que se chamam, desde o seu congresso de 1899, em Mogúncia, «intra-confessionais», e são de caracter mixto, isto é, aceitam tanto operarios protestantes como catolicos.

A questão é interessante, pois a palavra do papa é ao mesmo tempo uma condenação da democracia cristã. O Vaticano, depois de ter ferido o padre Murri e Marcos Sangnier, acaba de vibrar na vigorosa florescência dos sindicatos cristãos renanos um golpe que penetrará até á medula. Que sucederá a essas organizações mixtas que o papa publicamente reprovou?

Quem vai encarregar-se de destruir, para as reconstruir sobre um plano novo, esses agrupamentos operarios que quinze anos de esforços tinham levado á cifra de 360 mil socios?

A Gazeta de Francfort, em seu numero de 8 de junho, annuncia que os sindicatos cristãos de Alemanha realizarão brevemente — talvez já na semana proxima — um congresso para tomar publicamente uma posição em face das calunias que os «berlineses» espalham a respeito deles em Roma. Não está designada a cidade onde se effectuará essa assembleia.

Por outro lado, começam a apresentar, nos meios catolicos alemães, a velha questão ardente: se a autoridade do papa se refere unicamente a questões religiosas e morais relativas á Igreja inteira ou se a sua palavra deve igualmente ser escutada pelos fieis em todas as questões vitais que possam surgir na sociedade moderna.

E o caso é que esta controversia não está ainda terminada.

Paris, 10 de junho.

G. Rupert.

Capital e trabalho

Só a experiencia, última educadora dos povos, se encarregará de nos mostrar os nossos erros.

G. Le Bon.

Nesse enunciado do grande cientista francês acha-se contida a razão da evolução humana.

Na experiencia reside a força da consciencia e nela se fundam as normas da nossa acção.

E' esse o motivo porque entre os orientais um anciano quanto mais velho e venerando se torna, mais conceito e respeito goza. Ele é um experimentado, tem a experiencia de uma longa vida.

Esteiado nesse fator importantissimo, o proletariado, baseado em um tirocinio de milheiros de anos, vai-se competendo cada vez mais da obrigação de associar-se, de unir-se em blocos compactos, pois a sua experiencia tem-lhe mostrado que o individuo só e isolado, não tem poder algum e não consegue, jamais, fazer-se valer e respeitar.

Já é um grande avanço na longa jornada do proletariado essa consciencia de que, para serem fortes, devem os operarios estar ligados entre si e, paulatinamente, vão-se organizando os Centros e Federações.

E essa deve ser a mira, hoje, de todos os operarios, seja de que occupação forem: unirem-se, federarem-se, afim de, unidos e coesos, fazerem frente ás torpes explorações do capital.

Embora tenham, para isso de sujeitar-se a sacrificios pecuniarios, devem, alegres e contentes, fazê-lo, porque o fazem para si, para o seu futuro e o dos seus filhos queridos.

«Eendrakt makt stark», a união faz a força, é a divisa da Holanda, e deve sê-la tambem dos operarios.

Além do que, os patões, tendo diante de si uma corporação consciente das suas forças, já não mais terão o arrojo de proceder como bem entendem, nas terço de engin-se a regulamentos e leis.

Isto conseguido, — e muito não falta para isso, — estabelecer-se-ão freios á ilimitada ambição e ganancia do capitalismo e limitar-se-á, com severas leis, emanadas dos proprios operarios, a participação dos lucros de cada empresa, tornando-se os proletarios interessados e, tambem, por sua vez, participadores dos lucros.

A esse fim tendem todas as aspirações, actualmente, convergindo os ideais no sentido de interessar-se directamente o operario no engrandecimento da industria a que empresta suas forças e actividade.

E' o problema que está por resolver-se. (*)

Verdade é que, ainda, copiosas lutas, enormes, quasi invenciveis dificuldades surgirão, para a consecução desse grande proposito, pois o capital, mal acostumado como está, em sofrer enormes proventos, á custa do suor dos infelizes que os

produzem, vivendo, entretanto, como cães atados á corrente, tudo fará, de todos os meios lançar-se a mão, para não se deixar fugir esses pingues lucros e agarrar-se á com unhas e dentes, desesperadamente, á rica mamata que lhe querem tirar.

Muitos escolhos ha para vencer, peripécias de todo o genero não-de suscitar os torpes gananciosos, a quem todos os meios servirão, indo mesmo aos mais nefandos atentados contra a liberdade e mesmo a vida de seus escravizados. Tudo, porém, será inútil, porque tudo tem um fim lógico, rial, e contra o qual todo o insurgir será improficuo.

A indigna escravatura do trabalho cessará, como aliás, tudo neste mundo cessa e o operario, em futuro talvez não muito remoto, será gente, será humano, o que hoje não é.

O commercio tem a sua taxa mais ou menos fixa de lucros sobre cada mercadoria, não por lei que a isso o obrigue, mas pela concurrencia, que também é uma lei, e nem por isso se queixa, e progride, e prospera. Assim se-lo-á também na industria. Não é necessario que uma empresa fabril, como uma alemã, cujo relatório lêmos ha dias, distribua, e isso pela segunda vez, um dividendo de cento por cento, servindo isso aos turiferários bajuladores, para decantarem na tuba dos louvores, os progressos de tal empresa, quando, ao contrário, esse facto patenteia de modo iniludível e claro, a torpe exploração da mesma empresa, pois que, em vez de dar cento por cento aos acionistas, lhes sem só cincoenta, o que ainda seria de mais, e dividissem os outros 55 % entre os operarios, que foram eles sómente a quem se deveu tais lucros, o que seria uma obra digna e meritória.

Para esse ideal conduz a nossa trajectoria e lá chegaremos, embora as lutas que irão acender-se sejam enormes e quasi invencíveis.

Não esmoreça o operario: una-se, torne-se uma massa compacta e, como um riacho que, vencendo uma cachoeira após outra cachoeira, vai ter ao mar, de victoria em victoria, um dia triunfará.

R.

(S. Paulo).

(*) Para nós, a luta do proletariado tende á abolição do salariato e ao estabelecimento de um regimen de igualdade social baseado na socialização da terra e dos meios de produção. E' bem possivel que a burguesia, para prolongar o seu dominio, seja forçada a fazer a concessão indicada pelo nosso apreciado colaborador, mas isso não reterá a grande luta que só terá fim com o nivelamento das duas classes em que agora se divide a humanidade, de cujas chocantes desigualdades R. nos tem dado uma impressionante idéa. — N. DA R.

A MORAL DO CLERO

Um escandalo clerical em S. José da Bela Vista

Como os leitores devem estar lembrados, em o nosso numero 139 inserimos uma carta na qual era relatada um vergonhoso escandalo clerical, de que tinha sido teatro a cidade de S. José da Bela Vista, da comarca da Franca.

A noticia saiu, porém, incompleta, por lhe termos tirado os nomes do padre sátiro e de sua vítima, assim como as demais indicações.

Foi uma precaução justificavel, pois na ocasião não tínhamos certeza da origem da carta.

Agora, que sabemos ter sido a citada noticia escrita por um nosso velho companheiro de lutas, resolvemos lembrar o facto com todos os seus necessarios detalhes.

E' o que faremos no nosso proximo numero.

ESCOLA MODERNA

São convidados todos os membros da Comissão Central pro-Escola Moderna a reunirem-se no proximo domingo, 7 do corrente, ás 7 e 1/2 horas da noite, na rua Gomes Cardim, 49 (Braz).

O secretario, Ledo Aimoré.



Ainda a greve na viação electrica e a crise ministerial — Os operarios manifestam-se contra um monopólio... legalmente indesejavel — Uma pesada herança da monarchia — O novo ministro do interior decidirá! — A pouca sorte de S. Camões e uma partida de Santo Antonio — O que são as festas antoninas — Decrescem as festas e encarece a vida — Onde se mostra que não é só aqui que os tempos estão bicudos — O trigo e o café em Franca: S. Paulo na berlinda — A máscula energia das donas novyorkinas...

LISBOA, 14 DE JUNHO

Continuamos com a greve dos carros electricos e ascensores e a crise ministerial, mas em quanto esta, ao que parece, terá hoje ou amanhã solução com um gabinete de concentração republicana, presidido por um dos homens mais conhecidos do tempo da propaganda, o prof. Duarte Leite, a greve é que mantém a mesma apparencia estacionária, ante a teimosia dos directores da Companhia, que não querem sequer discutir com a Associação do pessoal, e ante a paciente e solidaria resistencia dos grevistas.

Ontem, a União Local dos Sindicatos, os grevistas e outras associações operárias organizaram diante da Camara Municipal uma grande manifestação, pedindo a rescisão do contrato com a Companhia Carris de Ferro, que tem o pesado e tirânico monopólio da viação acelerada para transporte colectivo de passageiros nas ruas de Lisboa. Foi-lhes respondido que está desde muito entregue aos tribunais uma acção de rescisão por falta de cumprimento de uma cláusula, mas nada mais se pode fazer legalmente.

E' preciso legalmente aguentar o que está feito. A Republica não concederá novos monopólios, mas vê-se forçada a respeitar os desastrosos contratos que a monarchia lhe legou. A Camara Municipal (são sempre os vereadores que falam) tem feito varias tentativas para uma solução digna do conflito, mas tem encontrado como obstaculo invencível a obstinação da Companhia. Apenas esta constituido o novo ministerio, verá se é possivel, de accordo com o ministro do interior, pôr termo á situação.

Que não seja, porém, á moda do ministerio demissionario, em janeiro, pois então, em vez de resolver, apenas conseguiria adiar e agravar a questão.

Apesar da greve, que lançou para a rua os mais pittorescos meios de condução, o povo lisboeta não se privou completamente dos seus folguedos nos dias da nova e da velha festa da cidade.

O dia 10, de S. Camões (assim dizem as crianças, organizando em honra do poeta épico as mesmas festas e peditorios que em homenagem ao prégador dos peixes) esteve mais chuvoso e agreste, e por isso foi adiado para depois de amanhã o número principal dos festejos — um cortejo infantil.

O rival e conterrâneo do poeta maximo, santo Antonio Alcoviteiro, foi um pouco mais feliz: vê-se que tem mais influencia na corte celestial do que o terno apaixonado de Catarina de Ataíde, ao qual talvez não tenha occorrido a luminosa idéa de recorrer a essa influencia para obter a mão da sua amada...

E como o tempo esteve melhor, como a maioria de qualquer população é sempre eclectica e o que quer é divertir-se, a animação foi também maior.

Dis-se que nada houve em confronto com as vivas folgas de ha dois ou mais anos, e isso em virtude da supressão do feriado oficial, substituido pelo de Camões. Essa supressão não irritou a população, ganha no scepticismo em materia de religião. Mas é excessivo

levar à conta de manifestação religiosa a celebração antonina: o pouco destes dois ultimos anos e os anteriores entusiasmos apresentam desde longa data o caracter quasi exclusivo de expansões populares e pagãs, com danças, descantes, vinho e guitarradas, com presagios de amor e adivinhações ternas, com suspiros e promessas, fingindo a Igreja tomar tudo isso, por conveniência propria, como expressão do mais puro sentimento católico.

A abolição do feriado diminuiu a intensidade da festa. Mas também por causas económicas gerais, as folias populares vão empalidecendo por todas as partes. E' que, em todo o mundo, está na ordem do dia a «vida cara»...

A carestia da vida é questão palpitante aqui, como é no Brasil, ou em Franca, ou nos Estados Unidos...

Em Franca e na Belgica tivemos, não ha muito, revoltas populares contra a elevação crescente dos preços e contra o assambarcamento dos generos.

Vimos a viva agitação dos inquilinos e os actos energicos de multidões operarias, compostas sobretudo de mães de familia, assaltando os assambarcadores, repartindo os productos e deixando aos negociantes apenas o preço justo, ou inutilizando as mercadorias e sovando os mercadores.

Agora a questão tem eco no parlamento. Trata-se ali da importação do trigo, e a maioria, naturalmente, não quer desamparar a agricultura nacional, que, produzindo mais caro que a America em virtude da pequena propriedade, tem de ser protegida por direitos aduaneiros, á custa do consumidor... Que, afinal, o proteccionismo e o livre cambio equivalem-se, porque, de um lado ou de outro, o verdadeiro produtor-consumidor, o pobre, fica sempre prejudicado — ou pagando preços mais altos ou ganhando mais baixos salarios.

Tambem ali se trata do café, genero que, não sendo de primeira necessidade, tornou-se popular e adquiriu certo valor apesar dos seus adversarios, pois que, como o vinho, faz baixar o consumo de bebidas distiladas e de mistelas mais alcoolicas e tóxicas.

A alta do trigo e do café é em Franca atribuida em grande parte a especulações, monopólios e trusts. O café que, em março de 1907, era cotado a 41 francos, está hoje a 85 francos, graças a manobras do Comité internacional de valorização dos cafés de S. Paulos, causando a ruina de muitas cooperativas e pequenos commerciantes. Um deputado pediu providencias aduaneiras e penais: «a valorização constitui uma manobra que cai sob a acção do Codigo penal». E citou o exemplo do governo norte-americano, que processou o «rei do café», Sielcken, membro do referido Comité. A resposta do ministro foi a usual: que não ha monopólio nem transgressão de leis e que o governo nada pode fazer.

Em quanto isto succede em Franca, em Nova York as mulheres imitam o gesto das suas companheiras belgas e francezas: fazem grandes estragos como protesto contra a carestia. O mal é pois universal e universal é o protesto. Não é só em Portugal, só em S. Paulo: é em todo o mundo... é em todo o mundo...

Grupo Libertário "Guerra Social" do Rio de Janeiro

Como de analogia pelo professor Dr. José Oliveira. Anúncio de quinta-feira, das 7 e 1/2 horas da noite, á rua General Camara, 220. Entrada franca.

Um repto aceito e... recusado

Neste numero concedemos um amistozinho ao nosso gramatical vigário de Baurá. E' preciso dar-lhe o tempo indispensavel para que reforce a sua já desmantelada trincheira...

Na proxima semana Doge da Maia recomeará o fogo.

Avie-se o padre Pires que não ha tempo a perder... Se não estiver preparado, não haverá gramatica que o salve...

Refutação á sétima conferencia do bonzo Julio Maria

II

Firmes em o nosso proposito de esmagar a cabeça a qualquer reptil catolico que bellicosamente emerja, restamos hoje o fio da nossa refutação á 7.ª conferencia do bonzo Julio Maria, que em tão pessima hora assumou á tribuna.

Não se nos exija tolerancia nem temperança de linguagem, porque, segundo Boto Machado (1), tolerancia deriva etimologicamente de tolo, assim como cristão de cretino. A tolerancia que nós, livres-pensadores, devemos usar com os bonzos de qualquer denominação que sejam, deve ser a mesma que eles usaram connosco no decorrer de 20 seculos, isto é: maldições, excomunições e bofetadas; e quanto á linguagem, usemos a mesma que Benedito VIII usou para com Guilherme II da Provença e sua mãe (2).

Nós, os livre-pensadores, não podemos, de modo algum, ser tolerantes com o que consideramos erro. Transgír com o erro é tornar-se cúmplice de seus propagadores. O que nós devemos fazer é — como dizem Carlos Babo e Manuel Bravo — «combater a Igreja e o catolicismo sem odios, sim, mas energica e implacavelmente.» (3)

Ora, tem graça que depois de termos consumido mais de 10 anos em estudos históricos e conhecidos bem os crimes da Igreja, venha o bonzo Julio Maria a querer encasillar-nos na encéfalica massa que a Igreja nos «libertou do erro, detendeu nos contra o despotismo e sustentou sempre a inviolabilidade da personalidade humana».

A Igreja, bonzo Julio, aprende o se não o sabes, nunca nos livrou de erro algum; antes pelo contrario: mergulhou-nos na ignorancia, no absurdo, no embrutecimento, na estupidez, na abjeção mais profunda e na mais completa miséria; ela semeou odios e combateu a sciencia; negou a remota antiguidade do mundo; a redondeza da terra, a existencia dos antipodas, a animabilidade primitiva do homem, as descobertas da astronomia, a rotação e translação da terra á roda do sol, os satélites de Júpiter e Saturno, a variabilidade das especies; mandou assassinar Hypathia, reduziu ao silencio Pedro Abelard, encarcerou Rogerio Bacon, queimou vivo Cecco d'Ascoli, mandou apunhalar Pedro Ramus, calcinou Giordano Bruno, humilhou Galileo, vociferou contra Newton, obrigou Buffon a retratar-se, reduziu a cinzas a Enciclopedia Francesca e outros muitos livros, encarcerando seus respectivos autores; amaldiçoou a imprensa, excomungou a medicina, brançou contra o pára-raios, combateu a cirurgia e negou a circulação do sangue; vociferou contra o telegrapho electrico e as locomotivas a vapor; calcinou Lamarck, Huxley, Darwin, Buchner e toda a pleiade de homens sábios do seculo XIX; declarou-se irreconciliavel, por meio do Silabus, com a sciencia moderna; e hoje... hoje, ainda vomita asquerosa baba contra os Haeckel, os Draper, os Nordau e os Bossi... (4)

De maneira, bonzo Julio, que a Igreja nos libertou do erro... ás avessas.

Em compensação do erro do qual «ela nos libertou», o que foi que nos ensinou? ..

Ensinou-nos, em primeiro lugar,

«El Hombre e la Tierra»

Já tendo sido reaberta a livraria da Escola Moderna de Barcelona e completada a esplendida obra de Eliseu Reclus, El Hombre e la Tierra, o companheiro Antonio Orellana convida ás pessoas que a recebem em fasciculos por seu intermedio a saldarem os seus debitos para receberem os fasciculos restantes, ou a devolverem os que estão em seu poder.

As respostas deverão ser digitadas para a nossa caixa postal no mais breve tempo possivel.

a crer sem discutir e a obedecer sem replicar.

Certa da nossa estupidez e completamente convencido do nosso embrutecimento, a Igreja nos ensinou — ora, atendam — que um senhor deus, que nem ela mesmo sabe donde veio, criou tudo do nada, sem sabermos porque nem porque não; que existe um inferno (horror!) para os maus, isto é, para aqueles que não se conformam com seus ensinos; e uma gloria (ó alegria!) para os bons, isto é, para todos aqueles que lhe engolem as patranhas; ensinou mais — e nisto se distingue a profunda sciencia da Igreja e sua sublime filosofia — ensinou mais — dizíamos — que os terremotos, as inundações, as tempestades, os granizos, os trovoes, os raios, os cometas, os eclipses do sol e da lua, as epidemias e em suma todos os males morais e fisicos, eram... eram castigos de deus, desse deus tirânico, que a mesma Igreja não sabe de onde veio, quem é nem para onde vai.

Ora, já viram que subimes ensinamentos?...

Todavia, seria demasiada honra conceder á Igreja a originalidade de tais ensinamentos, isto é, de ter-nos ensinado a existencia de um deus, porque é certissimo que se ela nos ministrou tão pernicioso croqui, foi porque o aprendeu dos judeus, egipcios assinos, chaldeus hindús e persas.

João Martins

A FORMA DA TERRA

Crê se geralmente que os antigos imaginavam sempre ser a Terra absolutamente chata. Não ha dúvida, porém, que os antigos conheciam a forma da Terra e que era empregado o termo «globo»; um globo não é uma circunferencia. Até á epoca de Constantino, e mesmo depois, era corrente essa palavra. Diz-nos a historia que Constantino mandou levantar, na cidade que tem o seu nome, uma columna encimada pela sua estatua em figura de Apolo, segurando na mão esquerda um globo em sinal de dominio universal. Isto é, incontestavel, porque se conserva ainda uma moeda de Constantino em figura de Apolo, com um globo na mão.

Quinhentos anos depois, entre os anos 813 e 830 da nossa era, era a geografia ensinada por meio de globos na escola do maometano arabe Almainmon (v. Draper, Intellectual Development of Europe).

A Terra só começou a ser tida como chata uns cem anos após Eusebio e Constantino, e só nos países sujeitos ao papado. A medida que se engrandecia o papado, achatava-se a Terra cada vez mais; e quando ele se fez absoluto, tornara-se a Terra um disco.

Fora dos países submetidos á influencia papal, mantinham os maometanos a sciencia, as artes e o senso comum em geral. Sabiam ser a Terra esferica. Cristóvão Colombo, que visitara os portos muçulmanos e ali communicara com arabes, conheceu essa ideia e resolveu demonstrar a sua exactidão.

(Truth Seeker).

Liga Anticlerical

do Rio de Janeiro

O nosso companheiro Santos Barbosa fará, na proxima quinta-feira, após a reunião da Liga, uma palestra sobre a profecia do padre Julio Maria. A entrada será franca. A sede da Liga é na rua General Camara, 225.

CONTRA A CARESTIA DA VIDA

O comité da Liga Popular Contra a Carestia da Vida prosegue no seu acertado intento de agitar o povo com o fim de conseguir o pôr um dique á insuportavel situação em que nos encontramos com a carestia da vida.

Na terça-feira proxima, ás 7 e 1/2 horas da noite, realizar-se-á mais um comicio no bairro da Barra Funda, na sede da União Operaria da Barra Funda, sita á rua Lopes Chaves, 31.

Nessa reunião falarão diversos oradores.

Outros comicios vão ser organizados pelos diversos arrabaldes desta capital.

NO RIO

REUNIÕES DE PROPAGANDA

Segunda palestra de J. de Oliveira, realizada em 13 de Junho, na Liga Anticlerical

(CONCLUSÃO)

Depois, nos versiculos 3, 4 e 5 do mesmo cap. vemos: «Faça-se a luz, e a luz foi feita» e viu que a luz era boa e dividiu a luz das trevas e chamou á luz dia, e ás trevas noite; e da tarde e da manhã se fez o primeiro dia! Pode haver maior absurdo?!

Que luz foi essa? Pois não sabemos nós que a unica luz que separa o dia da noite é o sol? E não sabemos nós também que se o sol desaparecer a terra ficará mergulhada em eterna treva? E não sabemos nós ainda que faltando-nos o sol a terra não fecundará mais e será inabitavel? E como é que se quer fazer acreditar que a luz foi creada antes do sol, quando aquela deriva deste e só no 4.º dia é que a Biblia nos diz que Deus o criou?... Que o vosso bom senso analise este criterio.

Vejam os agora o conteúdo do v. 6 do mesmo capitulo: «E disse Deus: Haja uma expansão no meio das aguas, e haja separação entre aguas e aguas». Pelo enuciação do versiculo já uma interrogação nos assalta. «E disse Deus»: — Quem diz alguma coisa, diz a alguém ou para alguém. Ora, não havendo nessa ocasião, ainda, ente vivo algum, para quem seria que Deus disse?

Não se sabe a Biblia não nos explica nem o podia explicar, pois, na época em que ela foi forjada, tudo já existia menos o Deus que nos apresenta. Continuemos no versiculo 6. «Haja uma expansão no meio das aguas, e haja separação entre aguas e aguas». Que expansão é que aguas e agues são essas?

Pois no principio não havia já Deus distinctamente creado os céus e a terra? Que expansão é esta de que nos fala a Biblia?

Pois então será possivel que alguém acredite que o espaço infinito que nos separa dos outros planetas estivesse todo cheio de agua, como nos quer fazer acreditar o versiculo 7, do mesmo cap. I, que diz: «E fez Deus a expansão, e fez separação entre as aguas que estavam debaixo da expansão e as aguas que estavam sobre a expansão» e ainda a segunda parte do versiculo que diz: «e o espirito de Deus era levado sobre a face das aguas». Se o espirito se movia onde teria ele deixado o corpo? Seria nos céus? Não podia ser, pois, diz-nos o versiculo 8: «E chamou Deus á expansão céus, e foi a tarde e manhã o segundo dia».

Ora, do segundo dia em diante já ele tinha mam, já ele tinha morada; mas anteriormente onde habitava ele, não havendo terra nem céus?

E' esta uma coisa que en do coração desejava que os sabios doutores da Igreja me ensinassem.

«Haja separação entre aguas e agues», e fez separação entre as aguas que estavam debaixo da expansão e as aguas que estavam sobre a expansão!

Se não fossem as descobertas da sciencia, nós não poderíamos certamente sintonizar com o sentido do enuciação acima.

Separação de aguas; agues de baixo da expansão, agues sobre a expansão significa, nem mais nem menos, do que a separação que qualquer tempo era unanime de que a terra era chata, — de que o firmamento, a que foram o nome de céus, era abobadado; de que esse firmamento sustentava em seus estrados sobre colunas columnas com

que nunca as tivessem visto pois nunca existiram; de que os mares eram o ponto extremo da terra; e de que, quando chovia, eram as portas e janelas dos céus que se abriam, despejando cataratas sobre a terra. (Cap. VII, V. 11).

E eis aí porque os forjadores da tal Bíblia santa se preocuparam tanto com a divisão e subdivisão das águas.

No terceiro dia limitou-se Deus á criação de herbas, capins, frutas com suas sementes, etc., embora não fosse isso de grande necessidade, pois era ele o unico consumidor, se é que naquele tempo elle tinha necessidades fisiológicas.

Por isso, passemos, sem maior menção sobre os versículos 11, 12 e 13, posto que os de ns. 9 e 10 são ainda complemento dos seus anteriores 8, 7 e 6.

E passou-se o terceiro dia. Vejamos agora qu'í foi a tarefa do quarto. Diz o versículo 14:

Dize Deus: Haja luminares na expansão dos céus para haver separação entre o dia e a noite.

Para que este trabalho inútil?

Pois já não vimos nos vs. 4 e 5 a separação entre a luz e as trevas?

E não vimos também que Deus chamou á luz dia e ás trevas noite?

Que desperdício de forças e que prova de contrasenso?

Deixemos o versículo 15 que é uma sequencia do de n. 14.

No versículo 16, nós vemos: *E fez Deus os grandes luminares; o luminar maior para governar o dia, e o luminar menor para governar a noite; e as estrelas*.

Postoque não nos diga a Bíblia os nomes desses luminares nos parece que elles não serão outros que não o sol e a lua.

Ora, raciocinemos um pouco:

Como é que Deus, tendo necessidade de seis dias para crear a terra, crea em um só o sol, a lua e as estrelas? Verdadeiro absurdo!

Como é que se pôde acreditar em tal coisa se nós hoje sabemos que o sol é 1.800.000 vezes maior do que a terra e que, para ser creado pelo processo dela, Deus precisaria de 216.666 dias ou sejam 347 anos e uns dias?!

Passemos adiante: *e o luminar menor para governar a noite*.

Pois não sabemos também que a lua nem ao menos tem luz propria e á que recalhe é enviada pelo sol? E porque razão se refere a Bíblia á lua e despreza outros astros que têm luz propria como o sol?

A razão é simples. E' que o sol e a lua são os que, a olho n.º, nos parecem maiores. E por isso ainda, a Bíblia é um repositório de mentiras devido á ignorancia dos homens daquela tempo. Perdemos-nos por isso; mas não sancionemos tais absurdos. Como se fosse coisa de somenos diz-nos o mesmo versículo 16 que *Deus creou os dous luminares; e as estrelas*!

Como se ignorava o sentimento das proporções! O que a Bíblia chama tão simplesmente *estrelas* não são mais nem menos do que outros mundos, entre os quais estão Jupiter, Saturno, etc., aquelle 1.800 e estes 900 vezes maiores do que a terra, as quais também tem luas, etc.

Pelo exposto se verifica que o que diz a Bíblia não pode merecer crédito, pois está em desacordo com todos os conhecimentos do nosso tempo. Se algum dia teve razão de existir, hoje não o tem mais e só homens de má fé, sem coração e sem sentimento analítico podem defender, mas ou mesmo tolerar semelhante monstro.

Se bem que fosse meu desejo analisar nesta palestra os seis dias da criação, não o posso contido fazer deixando para a proxima vez esse trabalho, exclusivo á demonstração da fraude positiva e incidiosa que ha no encaixe dolorosamente lido dos capítulos segundo, terceiro e quarto do livro que analisamos.

Desempal-me se na examinação que venho fazendo a autopsia não apresenta os resultados que vós desejaveis; mas isso, pela vossa bondade, o deves ler á conta da impericia e ignorancia do operador que, nem por isto deixará de continuar no encalçamento desse monstruoso cadaver que á Igreja e cujos vermes radios, reficilantes e porcos são os padres.

NO 330

É representante da *Lanterna* no Rio e seu amigo Cecilio Villar, que poderá ser encontrado á rua do Senado, 195.

De cobrança das assignaturas está encarregado o companheiro Antonio Sarmiento.

LUZ E TREVAS... (*)

Eu sinto n'alma um riso e um lamento: — Aqui a raça negra redimida, que está de prazer e tem erguida a fronte para a luz do firmamento.

E' a aurora que redime! E, num momento, transporta esta minha alma embevecida ás regiões sorridentes d'outra vida, aos páramos do livre-pensamento!

Exulto altivo, e choro de alegria e dou, cheio de ardor, um grande — bravo! ao ver a Patria livre, sem escravo,

e desde então, desde esse belo dia, entre as fortes nações tornar-se forte, desde as raias do Sul ao Leão do Norte!

Depois de tanta luz — a noite escura... Densas trevas servindo de prefacio ás obras infernais de Santo Ignacio, de rial magestade da Impostura!

E' o frade estrangeiro, que procura fazer do nosso povo um *Zé Pascasio*, comer á tripa-forra e, de palacio, governar esta vasta escravatura.

E vós que é que fazeis, viris e fortes, oh! meus concidadãos! Vamos á luta! Combater com vigor a gente astuta,

varrer do solo-patrio as vis coortes, os ciganos da fé, esses falsarios mercadores de bulas e rosarios...

Ao gladio das ideias! Peito a peito, á arena de combate, oh! bons soldados! Levemos de vencida os mascarados, os rufiões do papa, eito a eito!

Combate á hipocrisia! mas... respeito aos condes e barões assignalados, que, á laia de *suissos* bem-mandados, ao serviço da curia estão afeitos!

Os ricos medalhões decorativos, com filaucias de bons republicanos, dão ideia de tipos regressivos,

enfeitados de papos de tucano, de estirpe e sangue azul... em grande gala, nascida da gaveta e da cenizal...

Antonio Sarmiento.

Campinas, 28 de maio de 1912.

(*) Sonetos recitados pelo autor na sessão solene de loja maçônica "Independencia e Ordem", de Campinas, comemorando a data de 13 de maio.

"A LANTERNA" NO INTERIOR

Em Cordoie

Por uma correspondencia daqui enviada á *Lanterna*, ficaram os seus leitores conhecendo o aza-negra que nesta cidade veio armar a sua barraca de salimbanco na bodega a que dão o nome de igreja.

Pois é nesse corvo fedorento, espantado de Portugal, de onde veio ha pouco corrido, que, por este meio, vou dar algumas vergastadas.

Apreciem os que esta lerem uma bela proesa padreal desse tipo, bem caracteristica dos hábitos de sua classe.

Na primeira quinzena do mês de maio p. p., após 38 dias de grandes padecimentos, faleceu nesta cidade o sr. Pedro Batistella, aqui bastante conhecido pelas suas ideias liberaes.

Os anticlericais tinham em Batistella um decidido companheiro de lutas que se esforçava para ser fiel ao seu ideal. Isso ficou bem patente com a sua conduta nos ultimos momentos de sua existencia.

Sentindo proximo o seu fim, pediu o desventurado companheiro á sua familia que lhe respeitasse as suas idcias no seu derradeiro momento, não o importunando com a presença do padre, com santos ou resas e que o seu corpo fosse directamente para o cemiterio.

Assim não aconteceu, porém. Desobedecendo á ultima vontade do falecido, e, ao que parece, por vontade de um dos membros de sua familia, foi o seu cadaver mandado para a igreja a fim de receber um passaporte que lhe facultasse a entrada no céu dos velhacos...

O vigario quiz, entretanto, fazer fita, opondo-se á entrada do corpo na casa do Senhor todo perdão... todo bondade...

Pedro Batistella tinha sido em vida um energico inimigo dos padres, por isso não con-

sentia que o seu corpo entrasse na igreja. Sentindo, porém, o cheiro dos 10\$000, que davam para umas boas centenas no bicho, deu o dito por não dito e passou a carta de recommendação ao S. Pedro chaveiro...

E aí têm os leitores mais uma prova de que o padre não passa de um miseravel explorador da ignorancia do povo, de um baixo mercador das bugangas da Igreja.

E' essa a sua profissão; compreende-se, portanto, a sua conduta de salimbanco. O que não é louvavel, o que provoca indignação é o procedimento dos que, ferindo a vontade do morto, serviram-se do seu corpo para esta ridicula palhaçada.

Chibata.

DIVERSÕES

Theatro Colombo — Os Decars com o seu intelligente burrinho foram o successo da semana neste teatro, que se tornou pequeno para conter a grande concorrência que para ali acorreu.

Os filmes exibidos também não deixaram de despertar grande interesse. Está anunciado para amanhã *Os Carbonarios*, fim de 1300 metros, dividido em duas partes.

O programa para a *matinée* de amanhã foi cuidadosamente escolhido. Brevemente será exibido neste teatro o empolgante fim dramatico *Os Misterios de Paris*, em 4 partes.

Theatro Casino — Os apreciadores do *Casino* não deixaram de acorrer numerosos para assistir os interessantes trabalhos executados pelos artistas irmãos Gassio, acrobatas patinadores e pelos pantomimistas musicais excentricos Lina e Stik.

Amanhã teremos ali uma boa *matinée*.

O BELLO ROMANCE

Noli me tangere

Já saiu do prelo

em elegante volume de 136 paginas e será posto á venda por estes dias a 1\$000 o exemplar. Mais 300 réis, pelo correio.

A "Lanterna" em S. José (SANTA CATARINA)

Sr. redactor da *Lanterna*:

Ao ler o vosso conceituado organ de 18 do corrente mez e ano, sob n. 134, deparei com uma noticia de S. José, na qual se ataca a administração do conceituado sr. superintendente municipal capitão Manuel de Oliveira Ramos, e eleva-se á altura de um principio um tal Carlos Knoll, que não sei porque carga d'agua, foi elevado até á presidencia do Conselho Municipal desta infeliz terra. Pasmel, sr. redactor, ao ler tanta inverdade.

A estrada que liga S. José ao Estreito é estadual e o Estado paga mensalmente ao conservador da mesma a quantia de 490\$000, sendo o contrato feito por concorrência publica. O que tem a Superintendencia com isto? Qual a responsabilidade do municipio, se ella presta ou não? Que diga o *Zimpatico* presidente da *Conselho Municipal da S. José*.

Quando a subvencão dada á escola paroquial, posso garantir-vos que as maiores responsabilidades cabem ao *Zimpatico* Presidente e ao seu comadre e amigo secretario do mesmo Conselho. São elles dous carolos reconhecidos, papa-missas e carregadores de piano do vigario alemão, seu patrio. O sr. superintendente por duas vezes se opoz tenazmente a conversão do projeto em lei, mas, *agua mole em pedra dura tanto dá até que fura*, lá passou o tal projeto.

Demais, o Conselho é quem vota os projectos, converte-os em lei, logo é ele o unico responsavel por aquella subvencão.

Creio que no Conselho tem alguém com consciencia do seu eu e da seus actos, salvo, porém, o *Zimpatico* Presidente. E' ele na nossa terra um verdadeiro *D. Quixote*!

Com a publicação dessas despreziosas linhas, sr. redactor, restabeleceres a verdade dos factos que aqui se dão e muitissimo grato ficará o vosso constante leitor

Veritas.

S. José, Santa Catarina, 23 de maio de 1912.

N. DA R. — Ao nosso assíduo collaborador de S. José cabe tomar na devida consideração a presente carta.



Lanterna Magica

Reparando

Dum diario lisboeta:

O bispo de Angers mandou que em todas as igrejas da diocese se realizasse uma cerimonia expiatoria para reparar o escandalo causado pelo padre Pitou, que surrupiou uns dinheiros que lhe tinham sido confiados pelos fieis. Ao menos agora podem estes ficar com a certeza de que serão indenizados no dia... do Juizo Final.

Certamente! Todas as boas obras dos fieis hão de ser pagas no outro mundo. Assim nada perdem...

A estupidez das superstições

Rebentou ha pouco uma tempestade em Varsovia. Sete pessoas que se encontravam num cemiterio da cidade refugiaram-se debaixo da copa de uma arvore. Um raio caiu sobre ella, prostrando os refugiados. Acudiu bastante gente em seu socorro, e vendo-os inanimados, resolveu enterra-los immediatamente em virtude de uma superstição antiga muito enraizada naquele povo. Mas uns medicos, que por sorte chegaram a tempo, impediram em parte a selvageria, reanimando só seis dos assombrados, porque um já tinha sido metido no solo.

Sorvo para todos

No *Matin*, Clemente Vautel faz as seguintes considerações humoristicas:

Todos os franceses devem pôr-se de accordo para reclamarem a instituição de uma festa nacional de Jeanne d'Arc. Esta festa pôde e deve ser celebrada por todos os partidos, isto é, pelos

Republicanos — A *Pucelle* era uma mulher do povo, uma campona; **Monarquistas** — Ella conduziu o rei a Reims para ser coroado; **Socialistas** — Uma festa nacional, é um dia de *chômage* e mais; **Constitucionalistas** — Jeanne d'Arc foi condemnada por um tribunal ecclesiastico; **Clericais** — E' uma santa arde nos altars da Igreja;

Anti-militaristas — Jeanne d'Arc nunca matou ninguém; ella segurava o estandarte com a mão direita e as redas com a outra;

Feministas — Ella remexeu, entusiasmou, arrastou á victoria exercitos. Quando os seus historiadores falam do circo de Orleans, não se trata de um simples cerco eleitoral;

Anti-feministas — Jeanne d'Arc foi sempre mulher pela sua doçura, pela sua modestia, pela sua graça, pelo seu senso pratico e até pela sua creença nas profecias e no sobrenatural.

A maravilhosa historia de Jeanne d'Arc satisfaz, pois, todos os partidos, todas as apreciações... O caso é certamente unico. E se esta reconciliação se consumasse, não seria o menos espantoso dos milagres realizados pela *Pucelle*.



A loja

Ha bastantes anos que Victor Hugo escreveu um verso que pintam bem o caracter commercial da Igreja e do papado. Traduzimos:

«A cadeira de S. Pedro outrota tão sublime... é hoje a obscura e lúgubre loja onde o bem e o mal, a missa e o cantico, o verdadeiro, o falso, o dia, a noite, a sombra e o vento, os anjos, o infinito, o tumulto, tudo se vende!»

E isto continuará a ser cada vez mais a expressão da verdade em quanto existir a Igreja.

Pelas publicações

O SINDICALISMO, por Felicien Chalaye, tradução portugueza de Manuel Ribeiro. Edição da «Biblioteca Social Contemporanea». Lisboa — 1912. Opusculo de 80 paginas.

O editor, que teve a amabilidade de nos oferecer um exemplar com dedicatória, inicia a sua biblioteka com esta singela e clara exposição da doutrina — revolucionario e reformista. O autor limita-se a expor essas duas tendencias do movimento operario, fazendo apenas uma ligeira critica; e como a exposição é cuidadosa, baseada nas melhores fontes, a obra convem muito bem aos que desejem informar-se do assunto de maneira imparcial e segura, antes de recorrer aos grossos volumes de discussão e polemica.

O livrinho, de bom aspecto e bem impresso, pode adquirir-se por intermedio da nossa administração, ao preço de 500 réis, moeda brasileira.

CRONICAS DE AMOR, DE BELEZA Y DE SANGRE, por João José de Soiza Reilly.

Poucos escritores americanos tão originaes como o autor de *Cem homens celebres* têm logrado alcançar em menos tempo a sua popularidade. O seu estilo agradável e ligeiro dão ás paginas de seus livros singular amenidade e encanto, e o aproveitimento das suas criticas e conceitos elevam-no a altura dos mais famosos cronistas.

Neste livro colecionou Soiza Reilly uma boa porção de trabalhos literarios, além de dose inimitaveis chronicas, uma serie de reportagens chronicas, varios artigos discursivos e emocionantes de costumes argentinicos, notabilissimas biografias sul-americanas, notas de Italia e outros varios escritos de grande merito literario que se lêem afeitamente com um sem igual agrado.

Crônicas de amor, de belleza y de sangre forma um interessante volume, editado pela Casa Maucci, calle Mallorca, 166, Barcelona, a uma peseta o volume.

NO RIO

As conferencias da Liga Anticlerical

Com boa concorrência, realizou-se no sabado passado, no salão do Gremio Republicano Português, a annunciada conferencia do dr. Carlos Duarte, que desenvolveu brilhantemente o tema — *O perigo jesuitico*, recebendo constantes aplausos da assistencia, na qual se destacavam muitas senhoras.

Na conferencia de hoje deverá falar o dr. Bruno Lobo.

PELA SOROGABANA

Em viagem de cobrança e de propaganda do novo jornal, começou a percorrer a linha Sorogabana o novo companheiro Emilio Reino.

Ha já um anno que essa viagem não é feita, razão bastante para que todos os nossos assignantes contribuam prontamente com a importancia de suas assignaturas.

Todos sabem que esta folha vive exclusivamente da contribuição dos seus assignantes, que, por isso mesmo, se foram esgotar para andar em dia com os seus pagamentos, da mesma forma que nós empreatamos toda a nossa actividade ao jornalismo para dar-lhe a divulgação necessaria.

Vida operaria

EM S. PAULO

Sapateiros — Conforme anticipamos, realizou-se no domingo e reunião dos sapateiros, na qual foram tomadas diversas deliberações de importância.

Foi resolvido a fusão da União Operária das Fabricas de Calçado com o Sindicato dos Sapateiros de Ponto-esteira, ficando a nova organização com o nome de Sindicato Geral dos Artífices Sapateiros.

Para tornar mais intensa a propaganda da associação e dos seus fins, ficou assentada a publicação, como seu organ, de um periodico que se intitulará *O Sapateiro*.

Amanhã, domingo, no Salão Alhambra, sito á rua Marechal Deodoro, 2, realizar-se-á, ás 8 horas da manhã, uma nova assembleia da classe.

Alfaiates — No Salão São Paulo, no largo do Riachuelo, 36, reunir-se-á amanhã, domingo, ás 9 horas da manhã, a classe dos alfaiates.

A comissão executiva da sociedade convida a toda a classe, associada ou não, a comparecer a esta assembleia.

Trabalhadores em madeiras — A assembleia da Liga dos Trabalhadores em Madeiras realizar-se-á na quinta-feira proxima, ás 7 e 1/2 da noite, no Salão São Paulo, no largo do Riachuelo, 36, e não no local anteriormente anunciado.

Gráficos — Efetuou-se no domingo a assembleia da União Grafica.

Nessa reunião, a comissão executiva fez uma relação de todo o trabalho até agora levado a efeito e que tem dado um resultado bastante animador, pois as listas de adesões são já muito numerosas.

Sobre a greve da corporação da Sociedade das Artes Graficas, que ainda continua na mesma situação, foi deliberado lançar um apelo á classe, convidando-a a prestar todo o seu apoio aos grevistas daquela casa.

NO RIO

Um novo sindicato

Um grupo de operarios tamanqueiros dispostos a encetar uma luta sem tréguas contra a exploração patronal, fez distribuir profusamente, na semana passada, um bem elaborado manifesto convidando a classe para uma reunião, na sede da Federação Operaria, na qual se trataria da fundação do Sindicato dos Operarios Tamanqueiros. Essa reunião foi realizada domingo ultimo, com grande assistencia. Lidos e aprovados os estatutos, foi aclamada uma comissão provisoria para administrar o sindicato até a realização da primeira assembleia geral, na qual tomará posse a comissão definitiva, que exercerá as suas funções por um anno.

Fizeram uso da palavra os companheiros Antonio Moreira e Luiz de França explicando, o primeiro, porque o sindicalismo não aceita presidentes, socios honorarios, beneficencia e anula por completo os preconceitos patrioteiros, e religiosos e o segundo a inutilidade de advogados nas associações operarias.

Falaram também os companheiros Cecilio Vilar, secretario da Federação Operaria, e o 1.º secretario aclamado para o novo sindicato, cujo nome agora nos foge á memoria.

A reunião, porém, não deixou de comparecer um ex-tamanqueiro, agora feito funcionario publico, que, cheio de pretensões de gloria, falou por algum tempo sobre principios estranhos á sociedade operaria.

Apartado e depois refutado pelo companheiro Moreira, retirou-se.

As 4 1/2 horas da tarde terminou a reunião que foi animadora. — Angelo Vitor.



Secção amena

Entre supersticiosos: — Hoje feita manhã fui despertado com o piar de uma curujá sobre o tecto de minha casa; estou aterrado com isso, dizem ser o canto dessa ave de mau agouro... — Qual, deixa-te de superstições com seres inofensivos... — Não sou supersticioso, digo-te somente o que todos os outros dizem... — Coruja não é Deus para agourar a vida de outrem... bugio sim, nesse creio eu.

— Uma esmolinha para as almas do purgatorio. — Não posso. Estou guardando dinheiro para gastar quando também estiver lá.

Em um naufragio: — Meu irmão, agarre-se com Deus que v. se salva. — Qual! Prefiro agarrar-me neste escalor que é mais seguro.

— Mamã! Mamã!... — Que tens Alizira? — Ai, por detrás daquela porção da feno, está um padre curvado... — Ora, a tolinha. Pois não vêes que é o burro do sr. vigario que está a comer?

"HUMANIDAD"

Excelente revista quincenal de aducação e cultura social, da Valenciana, Espanha.

Assignatura, ann, \$8000. Os pedidos, acompanhados de respectivos pagamentos, devem ser endereçados ao representante J. M. Somo, Rua Nova N.º 206, VI, S. Paulo.

Pela Paulista

Por toda a proxima semana, o nosso companheiro José Romero iniciará uma viagem de propaganda do nosso jornal e de cobrança dos seus assinantes, visitando em primeiro lugar as seguintes localidades: Vila Americana, Limeira, Cordeiro, Rio Claro, Araras, Palmeiras, Descalvado, Santa Rita do Passa Quatro, etc.

Lembrem-se os nossos amigos que a *Lanterna* vive unicamente da sua ajuda e tambem que estas viagens exigem muitos gastos e um tempo precioso para o trabalho do jornal.

E não insistimos mais.

Bilhetes e recados

Campinas — E. B. Junior: Fizemos a modificação devida na sua direcção, enviando-lhe os ns. estraviados. Fará o obsequio de nos remeter pelo correio. Saudações.

S. Joaquim — P. F.: Seguiu carta. Recebemos a lista a favor do livro do M. Moscoso. Saudações.

S. Paulo — J. M. B.: O anuncio nada lhe custa. Da revista não temos agora nenhum numero. Publica-lhe o logo que regressar o companheiro em cujo poder se encontra. Saudações.

Freguesia de Angelina — A. V. da S.: Já o incluímos na lista dos nossos assinantes. Remetemos-lhe os numeros atrasados. Saudações.

Pelotas — G. L.: Foi satisfeito o seu pedido de folhetos, ao qual juntamos o *Noli me tangere* para completar a quantia mandada. Agradecemos pelas palavras de animação que nos dirigiu. Saudações.

Vila Platina — J. C. da S. S.: Remetemos-lhe o recibo da assinatura paga e o *Evangelho da Hora*. Já não temos mais medalhas. Ficaram 1500 ao seu dispor. Saudações.

Santa Rita de Caldas — G. de C. C.: Recebida a importância de sua assinatura. Seguiu o recibo. Saudações.

Rio — R. C. Perpetuo: Registamos os novos assinantes que teve a bondade de nos indicar. Saudações.

Lapa — F. D.: Recebemos o seu original, que publicaremos. Saudações.

Jau — M. D. I.: Registamos o novo assinante. Saudações a todos.

S. Simão — Chiquito: Recebi os recibos. Saudações aos de casa.

Rio — D. Frutos: Recebemos a lista em favor do livro do Moscoso. Havemos de fazer tudo quanto esteja em nós por essa grande luta. Saud! Mont Azul — J. Real: Já acusamos o recebimento dos 200 rs. n. 144, no qual diziamos ter feito o que nos recomendarão. Não temos mais medalhas. Fica a sua disposição a importância remetida. O n. da caixa e 21 A ou 37? Saudações.

Oleo — E. R.: Recebemos os 108 de sua assinatura. Saudações.

S. Simão — A. L.: Fizemos a transferencia que nos recomendarão. Saudações.

Cravinhos — E. D.: Já começamos a remeter o jornal ao novo assinante desde a data indicada. Agradecemos. Saudações dos cá da caldeira...

Santos — C. Reis: Recebi a lista, que será publicada. Obrigado. Saudações aos companheiros.

Jau — F. B.: Recebi o recorte que teve o cuidado de me enviar contendo o curioso artigo do tal sabichão. Os companheiros da *Guerra Social* dar-lhe-ão a competente resposta. Estimamos que já esteja restabelecido. Saudações.

Rio — Mariano Gil: Agradecemos pela participação. Floral — é um bonito nome escolhido pelo companheiro R. Garcia para o seu pequerrucho. Saude.

Barretos — H. Carneiro: Já lhe estamos remetendo o jornal. Seguiu o recibo do semestre pago. Saudações.

Rio — M. V. de Carvalho: Recebemos o artigo. Remetemos-lhe o pacote pedido. Saudações dos companheiros de labuta.

Angelina — C. de Lippe: Tanto melhor, pois dessa forma aguçam a curiosidade dos crentes de conhecer o jornal. Não ha como o fruto proibido... Saudações.

Ponte das Araras — J. B. de M.: Foi-lhe remetido o pacote para a distribuição gratuita, bem como a pessoa indicada em Joazeiro. Muito ganhará o nosso jornal e a propaganda com a coadjuvação dos que, como o amigo, não regateiam esforços em seu favor. Saudações.

S. José — Veritas: A sua carta aparece neste numero. Nunca negamos agasalho as considerações que possa merecer o que publicamos. O nosso amigo autor da correspondencia toma-la-á na devida conta. Saudações.

Rio — Adreca: Que ha? Já ha duas semanas... Saudações dos amigos.

Rio — D. Minhana: Só nos restavam quatro. Fica, pois, a diferença ao teu dispor. Não sabemos a quem devemos entregar a tal carta. Saud! Ribeirão Preto — J. Selles: Faremos o pagamento recomendado. Seguiu um pacote do *Noli me tangere*. Saudações.

Paranáguá — C. S.: Já lhe remetemos o pacote para a propaganda, enviando-lhe o jornal desde quando pediu. Alegremo-nos em travar conhecimento com mais um batalhão. Saudações.

Juiz de Fora — F. R. Santos: Segue o clichê. E' boa a ideia. Aguardamos a noticia. Saudações.

Rio — M. Esteves: Já reclamamos no correio e aguardamos as providencias que prometeram tomar. Saudações.

Rio Grande — A. R.: Recebemos os jornais. Agradecemos. E' motivo para nos felicitar-mos com a noticia que nos deu. Aguarde carta. Saudações.

Barretos — O. Barros: Estamos cobrando os dados que nos pediu. E' uma iniciativa excelente, que trará bom proveito para a propaganda. Saudações.

A União dos Sindicatos e a Anarquia

Edição da «Brochura Social» de Lisboa.

Elegante opusculo de 16 paginas. Excelente texto do conhecido iniciador do sindicalismo revolucionario em França, FERNANDO PELLOUTIER.

Preço 200 réis.

Pedidos a esta redacção.

«Lanterna» em Portugal

E' nosso representante em Lisboa, autorizado a tratar de tudo que se refere a esta folha, o cidadão Neno Vasco, residente á rua das Barroas, 94, 2.º

A venda em nossa redacção: Historia da Luta entre a Ciencia e a Teologia POR A. D. White

Antigo reitor e professor de Historia da Universidade de Cornell e embaixador norte-americano em Berlim.

Versão portuguesa de

Carlos Babo e Manuel Bravo

Volume de bom formato (32 por 16) de 500 paginas, papel assentado, edição esmerada, brochado com capa ilustrada.

Preço 3\$000

E' uma das mais notaveis obras sobre o assunto, tratado com seriedade de proposito, profundidade de vistas, vasta erudição e criterio verdadeiramente científico. Tem sido traduzida em varias linguas, sendo a versão portuguesa feita com conscienciosa fidelidade, prefaciada e anotada com competencia. E' um livro enfim que se pode conselhar afoitamente.

BREVIARIO

Livro de versos lyricos de Raymundo Reis, com 127 poesias e 108 paginas. Encontra-se á venda, pelo preço de 2500 o exemplar, em todas as livrarias de S. Paulo e, no Rio, nas livrarias Alves e Magalhães, a 3800 o exemplar.

Vende-se tambem em nossa redacção pelo preço de 2500. Pelo correio, 3800.

'A Velhice do Padre Eterno'

Temos novamente a venda, a 25000 o exemplar, este sempre empolgante livro do extraordinario Guerra Junqueiro.

'A Lanterna' no Interior

E' encontrada tambem á venda nas seguintes agencias:

- Em Ribeirão Preto, na agencia do sr. José Bello, rua Amador Bueno, 51 e 53.
- Em Campinas, em casa do sr. Antonio Albino Junior.
- Em Santos, na agencia do sr. Faiva Magalhães, rua Santo Antonio.
- Em Mogi das Cruzes, na agencia do sr. Antonio Costa.
- Em Bello Horizonte, na agencia do sr. Giacomo Aluotto & Irmao.
- Em Cataguás, com o sr. Fenelon Barbosa, largo do Comercio 1 — A.
- Em Florianopolis, com o sr. Valentin Farinha, rua Republica, 4.
- Em Curitiba, na agencia dos srs. Fajuba & Reis, rua 15 de Novembro, 5.

'A Lanterna' no Exterior

Em Bello Horizonte, na agencia do sr. Giacomo Aluotto & Irmao.

Em Cataguás, com o sr. Fenelon Barbosa, largo do Comercio 1 — A.

Em Florianopolis, com o sr. Valentin Farinha, rua Republica, 4.

Em Curitiba, na agencia dos srs. Fajuba & Reis, rua 15 de Novembro, 5.

'A LANTERNA' NO RIO

é encontrada á venda nos seguintes pontos:

- CARTE CRITERIUM, largo do Rocio, 92.
- Rua Salvador de Sá, 48, esquina da rua Visconde de Sapucahy, engraxate.
- Rua da Assembléa, 99, esquina da rua do Carmo, engraxate.
- Rua do Ouvidor, 181, agencia do sr. Braz Lauria.
- Rua do Senado, 63, com o sr. Manuel Quezada.
- Avenida Passos, 123, engraxate.
- Rua do Lavradio, 47, com o sr. Angelo Prins.
- Rua da Saude, 167, com o sr. Nicolau Caruso.
- Estação Central, com o sr. Paschoal Mauro.
- Largo da Lapa, 112, com o sr. Januario Bruno.
- Rua 1.º de Março, agencia do sr. Mandarino.
- Rua Uruguaiana, 110, esquina da rua do Rosario, engraxate.
- Rua Marechal Floriano Peixoto, 58, engraxate.
- Avenida Mem de Sá, esquina da rua Lavradio, com o sr. Carlos Compa.
- Rua Souza Franco, 64, Villa Isabel, com o sr. Pedro B. Mistora.
- Largo das Leões, com o sr. Natan Carrelli.

FABRICA DE FUMOS-BRAZ

FUNDADA EM 1837

Escusado á dizer-se que esta é a unica fabrica que vende sem reserva de preços. Seus productos são conhecidos em todo o Estado

Pereira & Comp.

Avenida Rangel Pestana, 66

— S. Paulo —

Engenho Stamato

Sem engrenagem para moagem de canna com salvaguarda para evitar desastre. Privilegiado e premiado com diversas medalhas de bronze, prata e ouro. Progressivamente estão se espalhando por este vasto pais; já foram adquiridos por mais de 1.000 fazendeiros que attestam a utilidade desta importante machina. Inventor e fabricante

RAPHAEL STAMATO

Filial, Rua da Alfandega, 194 — Rio de Janeiro.

Fundição e Mechanica, Avenida Martin Barham, 146 — S. Paulo.

Coelho liquido Halley

E' o melhor e o mais barato. Uma colher de coelho basta para coagular em litros de leite.

Vendas conditionaes: se não for melhor do que qualquer marca existente no mercado aceita-se o vizio mesmo violado.

DEPOSITO

Avenida Affonso Penna, 341

Bello Horizonte

Gesú Cristo, non è mai esistito

A cura della Casa Editrice Mercedese Gomes Ristori, è uscito dai torchi lo splendido libro di Milesbo (avv. Emilio Bossi): *Gesú Cristo non è mai esistito*.

Impossibile è dare un'idea, sia pure approssimativa, della magnificenza e dell'importanza del libro in una breve recensione.

Il libro che raccomandiamo caldamente ai compagni ed agli studiosi in generale, trovasi in vendita al prezzo di 25000, a spese postali in più.

Le ordinazioni accompagnate dal relativo importo, possono essere indirizzate alla nostra redazione, o direttamente alla Casa Editrice Mercedese Gomes Ristori, Caixa 1167 — S. Paulo.

Biblioteca del Apostolado de La Verdad

Folhetos a 200 réis, fóra o porte e registro do Correio:

Primeira série, já publicada:

- La Lujuria del Clero, segun los concilios
- El Diablo, por Roberto Robert
- Cristo en el Vaticano, por Victor Hugo
- El Romanca Anjelieros!, por varios autores (primeiro tomo)
- El Pueblo a la Aristocracia, por Pey Ordiz
- Historias de la corte celestial, por Nereio Campillo
- Monja Secreta de los Jesuitas
- A Una Madre, por Ramon Chias
- La Democracia y la Inglesia, por Fortin

2.ª série em publicação:

- Dios, por Suñer y Capdevila
- Los Milagros, por Roberto Robert
- Lo que comen los curas, por Froy Gerardo
- Viaje al Inferno, por José Nakens
- La libertad de ensañana, por Edmundo Gonzalez
- La Papiza Juana, por Julio F. Mateo
- Sonetos Píadosos, por varios
- Retratos de José Nakens, 18500 réis.

Fazenda á venda

Em Bello Horizonte

Vende-se uma esplendida fazenda situada a 2 leguas desta capital, contando magnificas culturas, matias para lenha, boas lavouradas em pastos fechados, 2 moinhos, engenho e machinismos para canna e fabricar açúcar, etc.

Tem superiores e abundantes quedas d'agua, 3 carros de bois com suas respectivas boiadas; gados: bovino, suino e cavallar para criar, etc.; 260 alqueires de terras judicialmente divididas, além de estar ligada a terras de fazendas a aproveitáveis.

A casa de morada é completamente toda das demais dependencias, com as seguintes: cozinha, despachos, etc.

E' servida por um espó de estribada Estrada de Ferro Central do Brasil. Trata-se com Nicomedes dos Santos, á rua de Pernambuco, 206, Bello Horizonte (Mina).

BIBLIOTECA DA 'LANTERNA'

EM PORTUGUÊS	EM ESPANHOL	EM ITALIANO	EM FRANCÊS
M. Grki, <i>Os amassadeiros</i> . . . \$200	Rutgers, <i>Las Guerras y la Democracia de la Población</i> . . . \$100	Dottor Nicolò Covati, <i>Che cosa è il Socialismo</i> . . . \$100	Les Prisons, Pierre Kropotkin, <i>L'Esprit de Révolte</i> . . . \$200
A. de Pinho, <i>Pela Educação e pelo Trabalho</i> . . . \$200	Ch. Drysdale, <i>Dignidad, Libertad e Independencia</i> . . . \$100	Romanço di una Donna, Angelo Longoni . . . \$1500	Beno Chasugh, <i>La Femme Esclave</i> . . . \$100
H. Malatesta, <i>Programa socialista anarquista-revolucionario</i> . . . \$100	C. S. Darrow, <i>Crimes y Criminales</i> . . . \$100	Almanacco Libertario illustrato 1909 . . . \$300	Jean Grave, <i>L'Inimicte pour l'action</i> . . . \$200
Pedro Kropotkin, <i>O Comunismo Anárquico</i> . . . \$100	André Girard, <i>Educación y Autovidad Paternal</i> . . . \$100	EM FRANCÊS	Eliade Reclus, <i>A mon Frère le Puyssan</i> . . . \$200
Prof Saturnino Barbosa, <i>Poema Transcendente</i> . . . \$4000			Jean Grave, <i>Si j'avais á parler aux Electeurs</i> . . . \$100
B. Pores Galdós, <i>Electra</i> , (dramma antitetico) (em 5 actos) . . . \$8000			Charles Albert, <i>Patrie, Guerre, Oublie</i> . . . \$200
Messa Botto, <i>O Papa Negro</i> . . . \$2000			Eliade Reclus, <i>Evolution e Revolution</i> . . . \$200
Ottaviano Belmonte, <i>Um comento ha multos</i> , (comedia de costumes nacionaes) (2 actos) . . . \$1000			Urban Gobier, <i>Aux Femmes</i> . . . \$100
Carlos Dias, <i>Sensacão para Colôr</i> . . . \$300			E. Malatesta, <i>Entre Puyssans</i> . . . \$100
Paulo Bartheloth, <i>Evangelho da Hora</i> . . . \$200			M. Nottlau, <i>La responsabilité et la Solidarité dans la lutte ouvrière</i> . . . \$200
Guerra Junqueiro, <i>A velhice do Padre Eterno</i> . . . \$2000			Mario Piorrot, <i>Sur l'indignité humaine</i> . . . \$300
A. D. White, <i>Historia da Luta entre a Ciencia e a Teologia</i> . . . \$4000			Louis Blanc, <i>Quelques Verités Economiques</i> . . . \$100
			André Girard et M. Piorrot, <i>Le Parlementarisme contre l'Action Ouvrière</i> . . . \$100
			Pedro Kropotkin, <i>Le Salarial</i> . . . \$100
			M. Piorrot, <i>La Morale Anarchiste</i> . . . \$200
			M. Piorrot, <i>Traquis et Sugmange</i> . . . \$200
			Direrót, <i>Entretien d'un philosophe avec la marchande</i> . . . \$100
			Jean Grave, <i>La Conquête des pouvoirs publics</i> . . . \$100
			Jean Grave, <i>Une des Formes nouvelles de l'Esprit politique</i> . . . \$100
			Les Temps Nouveaux, <i>Contre la Guerre</i> . . . \$200

Só podemos atender os pedidos que tenham acompanhados da respectiva importancia.

FOLHETIM DA LANTERNA (2)

MIGUEL ZEVACO

CAVALEIRO DE LA BARRE

Grande romance historico

ESPECIALMENTE TRADUZIDO PARA A LANTERNA

Primeira parte

AMOR!

II

O ARCHI RESTE

para o contar... Como sai eu do túmulo? Como estou aqui... na sua frente... disposto a mata-lo... Não importa... Só lhe digo isto... resta-me uma unica razão de ser... e é, para o senhor, a unica esperança de escapar ao castigo... O senhor é o unico que sabe o que é leite de minha filha... Diga-me uma palavra... e perdoe-lhe!

O circulo de curiosos aumentara, aproximava-se. Salveric, anhelante, com os olhos fixos nos do padre, só a' este via. O resto do mundo desaparecia.

— Não sei... so posso, articou Gerfaut; o meu deger é... não o revelar!

— Minha filha, miseravel suor dote!... Ah! Nenhum de vós tem entranchas!... Não ha corações de baixo das vossas vestes negras!... Falé... e viverá... Consinto em esquecer-me, pelo menos... Minha filha!... por piedade... por compaixão... minha filha!... Dize, de tudo me esquecerei... até dos que assassinaram meu pai... Minha filha... ou pelo Deus que tu invocas!... — Impostor! hereje! — clamou Gerfaut com voz poderosa.

E antes de Salveric ter podido

acabar a sua ameaça, pusera-se a salvo de um pulo.

Salveric circumvagou um olhar terrivel, quis arremessar-se, mas era tarde: já o rodeava uma verdadeira multidão.

Ao grito do sacerdote respondeu um clamor:

— Matemo-lo!... Matemo-lo!... O padre era já o mais forte!

— Como? acrescentou Gerfaut, atreves-te a blasfemar o nome do Senhor até nas sagradas grades do seu templo?... Sabes bem quem sou?... Vês em mim o' arcebispo de Saint-Vulfran. O meu nome é Gerfaut (*). Monsenhor de la Motte disse-me um dia: "Sois o Gerfalte da nossa santa Inquisição." Não se enganou o veneravel prelado. Caio como um gerfalte sobre as almas empedernidas... Pergunta aos que te cercam quantos infelizes entreguei já ao verdugo!

— Matemo-lo!... Matemo-lo!... — rugiu a multidão sinistra.

Salveric, reduzido á impotencia, não postonejou. Cruzou os braços sobre o peito, de modo, porém, a segurar com a mão direita o cabo de um punhal.

O padre proseguiu:

— Apesar das tuas confusas negativas, em ti adivinhei um inimigo da Igreja... Por mais que me implores perdoe pela tua blasfemia, é preciso que sejas castigado... E sabes o castigo reservado ao teu crime?...

— Morra!... Morra!... rugiu o povo, enfurecido graças á manobra do padre.

E desencadeou-se então o tumulto.

— Lançemo-lo ao Somoze!...

— Não, não! Deve ser autorizado!

— Fazemos uma fogueira!...

A multidão, rugidora, redemolnava diante do portico. Os seus clamores quebravam-se contra a alta fachada com uma resaca de vozes humanas, e os seus punhos, os seus mil punhos estendidos, ameaçavam Salveric, mas ninguém ousava tocar-lhe. Parecia que todo aquele furor ia desfazer-se de encontro á arrogante audácia da sua attitude.

— Cobardes! murmurou Gerfaut. Teem medo dele!... Vamos. Tenho que apelar para outro meio...

Levantou os braços ambos. A sua voz, que se fizera aspera e entrecoartada, dominou o tumulto.

— Silencio! todos!

O poder de quem acabava de dar esta ordem imperiosa era grande, porque em breve se calaram os rugidos — mas como se acalmam os tigres: rosnando.

— Meus irmãos, disse o padre, não mancharéis esse solo com uma morte. Importa que a justiça siga o seu curso regular e que sejam applicados os tormentos ao impostor...

O povo bateu palmas e gritou:

— Viva o arcebispo!...

Passava uma patrulha de soldados do Real Picardo... Gerfaut, que a viu, arguiu-se á fazer-lhe um sinal, quando se produziu uma agitação nas apertadas fileiras dos espectadores daquela scena. Uma joven avançava rapidamente para o padre, por um sulco de ternura admiração, escutada por um murmuro sympathico:

— Flor de Maio!... é Flor de Maio!...

um santo. E uma repentina vertigem se apoderou de Gerfaut, que deixou cair o braço já levantado para chamar os soldados e permaneceu imóvel e hipnotizado. A fronte cobriu-se-lhe de suor e a face tornou-se-lhe mais livida, sacudido-o um longo estremecimento e ficando a tremer, logo que ella chegou ao pé dele.

— Que queres? perguntou com surpreendente dopura.

Flor de Maio dirigiu a Salveric um sorriso primaverai. E Salveric, estupefacto, reconheceu nela a florista das ruas, a que elle salvara uma hora antes, a tuda das flores!

— Pobre menina! Pobre menina! murmurou elle, angustiado. O seu reconhecimento vai perdê-la por minha causa!...

E fingiu não a reconhecer, voltando o olhar para a multidão, como indifferente ao que se passava a seu lado.

— Que queres? repetiu Gerfaut.

Ella inclinou-se suspicace e com a sua voz suave, musical, que uma indizível comoção tornava mais doce, respondeu:

— Perdido para esse homem!... O padre estremeceu. O seu debil olhar, cheio de suspeitas, passou da moça a Salveric. Depois lechou os olhos. Desencadeava-se uma tempestade nas trevas do seu pensamento. Todo o seu esforço era para tornar a ser dono de si, — embora apenas por um minuto. Procurou subtrair-se ao poderoso encanto que o rodeava.

— Impossivel! disse elle, com tom rude, a Nurgu eca e os labios ardentes.

Nis cruzou as mãos.

— Oh! senhor Gerfaut... vés a quem chamam forte, vés cujo nome inspira temor, são generoso... Perdido para vós!... Parte-se-me o coração ao pensar que o verdugo vai

tomar conta dele... E contudo, ignoro quem é, donde vem, para onde vai... Mas para reconhecer nele a marca da bondade, será necessario mais do que olhar?... Pude algum ser perverso quando sofreu muito tempo?... E com certeza, as dores escriptas na sua fronte proclamam quão desgraçado tem sido... Ah! que viva, que seja livre, e o vosso nome, sr. Gerfaut, será tão amado como temido.

Ante estas ultimas palavras teve o arcebispo um longo estremecimento. Quisera não ver, não ouvir... As unhas enterravam-se-lhe nas palmas das mãos... Oh!... deixar escapar o inimigo mortal que tinha nas mãos... ou cair no odio definitivo de Flor de Maio!

Volveu-se ansioso para os assistentes, buscando talvez um imprevidente socorro contra si mesmo... Ah! se aquella gente pudesse acabar com Salveric... sem elle ser responsavel por isso perante o Joven! Mas não!... Aquelles cobardes estavam mudos!... Cobardes!... Herejes... todos!

Sobre aquelle povo, um momento antes delirante, pesava com effeito um silencio soleno. Ter-se-ia ouvido um sopro. E nas faces dos mais proximos appareciam contrações de piedade.

O padre sufocou um rugido de vergonha e de desespero. Retrocedeu renclida, sob o limpido olhar de Flor de Maio. Uma súbita inspiração fez-lhe assomar aos olhos um relampago de triumpho. Dera com um meio!

— Meus irmãos, exclamou elle, o grito de misericórdia desta menina comoveu-me... Vou irar... Vou pedir ao Senhor que me illumine a consciencia. Entretanto, foz o vosso cargo o preso... Ai de vós, se elle fugir!

Um estremecimento de terror agi-

tu a multidão, cujo circulo se estreitou em redor de Salveric para oppor á sua fuga um baluarte de peitos...

Flor de Maio collocou-se perto dele como para protegê-lo com a sua debil presença.

O arcebispo penetrara na igreja. Levou as mãos á face, que ardia, em quanto as mãos estavam geladas. A sombra que caiu do alto das immensas abóbadas fito-lhe brilho. Sofria. Um venado sutil parecia correr-lhe pelas veias carregando através do corpo fermentos de decomposição. Deixaria gritar. Deixaria estretar nos braços uma estatua da Virgem sobre a qual se fiçavam os seus olhos ansiosos...

Por fim, levantou-se. Pelos seus labios brancos deslizou um sorriso. Persecutado os mais obscuros recantos da nave. Numa saliencia, perto dum pilar, um individuo rezaava com tanto fervor, que era impossivel ver-lhe a cara. Gerfaut foi ajoelhar-se a seu lado e tocoulhe com o cotovelo.

— És tu, Farnac? murmurou elle.

— Eu mesmo, respondeu o outro com voz submolesta e mistica. A's vozes ordena!

Aquella a quem o padre dera o nome de Farnac, ergueu a cabeça e mostrou uma cara acerra, angulosa, atrevesada por um bigode preto e fino.

O arcebispo continuou:

— Onde está Belvial?

— Ao receber a vossa carta, o coado saltou sobre o seu melhor cavallo e tomou o caminho de Amiens, numa carreira infernal.

— Bem... Mas tudo estará preparado?

— A' meia-noite lá estarei.

— Silencio... Escuta, Farnac! (Continua)

(* Este nome significa, em francês, gerfalte, especie de falco robusto e astucioso e mais estimado para a caça (nota do tradutor).